

**III Congresso Internacional e V Nacional Nacional Africanidades e Brasilidades em Educação 23, 24 e 25 de novembro de 2020
Universidade Federal do Espírito Santo. GT Africanidades e Brasilidades em Literaturas e Linguística.**

**PEPETELA: A CONFIGURAÇÃO DA ANCESTRALIDADE EM
*MAYOMBE, O TÍMIDO E AS MULHERES E PREDADORES*¹**

Rafaelly Bonadiman Vieira²

Jurema Oliveira³

Resumo

Este artigo é resultado de estudos e pesquisas desenvolvidos no âmbito do programa Institucional de Iniciação Científica da UFES. Durante a vigência deste projeto, objetivou-se identificar, analisar e ressaltar a importância das marcas de ancestralidade na construção discursiva das narrativas *Mayombe* (2018), *O tímido e as mulheres* (2014) e *Predadores* (2008) do angolano Pepetela e reforçar a hipótese de que a escrita pepeteliana visa à narrativa histórico-ficcional. Além disso, buscou-se mostrar as marcas da tradição oral e colaborar para fortalecer o cumprimento da Lei 10.639/03. O suporte teórico baseou-se nos trabalhos sobre a memória e a tradição oral do pesquisador Amadou Hampaté Bâ (2010) e nos trabalhos sobre a ancestralidade, especialmente, de Jurema J. de Oliveira (2015).

¹ Pesquisa desenvolvida pelo Programa Institucional de Iniciação Científica da Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes, na condição de aluna voluntária de Iniciação Científica (CNPQ), vinculado ao projeto “Ancestralidade, Pan-africanismo e Afro-brasilidade” coordenado pela Prof^a. Dr^a. Jurema Oliveira;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E-mail: rafaellyvieira2010@hotmail.com;

³ Pós-Doutorada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/PNPD/Capes). Professora associada da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e pesquisadora da Fundação de Apoio à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo – Fapes. E-mail: juremajoliveira@hotmail.com.

Por meio das narrativas, detectam-se fatos ocorridos e documentados historicamente, mas também o aspecto literário das obras em estudo. A metodologia de pesquisa consistiu em realizar leituras e releituras críticas das obras selecionadas e de materiais teóricos sobre a temática. Entre os resultados obtidos destacam-se a presença da ancestralidade materializada de modo distinto nas obras estudadas, com níveis de explicitude variável, e o fato de que a escrita histórico-ficcional pepeteliana visa, essencialmente, a elaboração de novas referências simbólicas para a nação angolana.

Palavras-chave: Ancestralidade; Tradição oral; Narrativa histórico-ficcional.

Introdução

Estudar literaturas de autores africanos e afro-brasileiros faz-se necessário para possibilitar a diversidade de vozes literárias dentro da universidade e, conseqüentemente, nas escolas. Para uma abordagem significativa das produções literárias africanas, o docente deve considerar imprescindível a abordagem sobre

as vivências histórico-culturais, ideológicas e sociopolíticas tradicionais africanas, assim como aquelas provenientes das experiências coloniais, anticoloniais e do pós-independência, distinguindo-se as especificidades contextuais de cada país (AMÂNCIO, 2015, p. 27).

Dessa maneira, alunos de grupos étnico-raciais diferentes podem sentir-se representados e atraídos pela literatura como meio de apropriação cultural, haja vista que “o trabalho de apropriação crítica dos bens culturais, realizado de maneira intencional e sistemática, é um direito social universal” (ANGELUCCI, 2015, p.18).

Um dos aspectos culturais mais evidentes nas obras angolanas é a presença da ancestralidade, definida como a particularidade do continente africano. A tradição perpassa todos os campos do conhecimento, dessa forma, a herança cultural, filosófica, ideológica, sociológica são transmitidos, geralmente, pelo detentor da palavra – um mais velho - às diferentes gerações.

Em consonância com Oliveira (2015, p. 92) a palavra “é a energia necessária para a manutenção do princípio revigorador encontrado na figura do preexistente, fonte primordial da base filosófica negro-africana”. A tradição oral na cultura africana é, assim, um elo que liga o antigo e o novo, ocasionando o equilíbrio entre as forças do passado e do presente. O autor, no momento da produção da obra literária, transpõe para a escrita os múltiplos sentidos provenientes de diferentes contextos, tais como das experiências individuais e coletivas, das histórias orais, dos documentos oficiais, possibilitando o elo entre o passado e o presente.

A tradição africana é consolidada por uma “[...] herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos” (BÁ, 2010, p. 167), pois as tradições provenientes de culturas ágrafas destacam-se por entender que a palavra está carregada de uma força divina. Ainda de acordo Bâ: “[...] nas sociedades orais não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a palavra é mais forte” (2010, p. 168). Sendo assim, o uso da palavra é um ato comedido, respeitoso e sagrado, responsável, portanto, pela honra ou destruição do homem. Além da transmissão de histórias e lendas por um mais velho, a tradição oral pode ser considerada como uma instância da vida cotidiana e em comunidade dos povos africanos, considerada fonte segura de informações e conhecimentos.

Dito isso, pode-se evidenciar que a tradição oral é incumbida pela criação da memória coletiva, que corresponde à capacidade de recordar, trazer ao presente os acontecimentos que fizeram parte do legado cultural, social, econômico e político de determinada comunidade. De acordo com Oliveira, pode-se “[...] pensar os caminhos trilhados por escritores que buscam no mundo empírico os elementos necessários à construção de uma identidade literária que traz à tona as marcas, o lugar e o não lugar dos antepassados [...]” (2015, p.93). A memória de uma sociedade não precisa ser vivenciada por todos os seus membros, pois por intermédio da tradição oral um evento pode fazer parte da memória coletiva de um povo.

Em consonância com o projeto de pesquisa *Literatura, Alteridade e Sociedade: Ancestralidade, pan-africanismo e afro-brasilidade* da pós-doutora em Letras Jurema José de Oliveira, o trabalho *A configuração da ancestralidade em Mayombe, O tímido e as mulheres e Predadores* objetivou valorizar os conhecimentos presentes na formação do sujeito angolano representado nas narrativas. Ademais, baseado nesse mesmo projeto, notou-se que analisar as características das personagens, do entorno geográfico, político e social é uma forma de destacar a presença da ancestralidade e da memória coletiva nas narrativas do escritor angolano Pepetela.

Conforme Oliveira, “Na fase pós-guerra, o discurso literário busca reafirmar práticas suspensas com o advento da colonização. Sendo assim, o estatuto do ancestral pode ser percebido na poesia, no conto, no romance, no cinema, na pintura e nas artes em geral” (2018, p.6). Nessa conjuntura, buscou-se identificar a presença do ancestral no discurso literário de Pepetela, além de evidenciar quais práticas culturais estão presentes nas narrativas estudadas e que são reafirmadas pela memória coletiva.

As referências teóricas apoiaram-se em Oliveira (2015), no que concerne ao conceito de ancestralidade, e em Bâ (2010), no que tange as noções de tradição oral e, a partir dela, a construção da memória coletiva. Sob essas perspectivas,

O texto literário, pautado no processo de valorização do ‘eu’ produtor de ficção, encena um espaço próprio para a circulação de personagens que compõem o discurso artístico, demarcado em um campo diferencial que permite ler para além da mensagem linguística [...] (OLIVEIRA, 2015 p. 103).

Sendo assim, para além do que está na materialidade linguística, as vivências, as experiências pessoais e coletivas e o imaginário nacional, por exemplo, revelam novas formas de pensar as narrativas. Formas inovadoras de recontar o passado, buscando compreender o presente da nação angolana.

Vida e obra

Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, mais conhecido como Pepetela, nasceu em 29 de outubro de 1941. Por parte de mãe possui raízes angolanas, por parte de pai, raízes portuguesas. Dois aspectos referentes à sua biografia que influem na criação das suas obras são: o recrutamento para a luta armada em Cabinda, uma região político-militar, em 1969, onde atuou como responsável pela educação, e sua forte participação na política angolana. A sua entrada para o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) foi um marco em sua vida e, principalmente, em sua carreira de escritor, ao ponto de em uma entrevista presente no livro *Portanto... Pepetela* o autor afirmar que:

Em guerra, o homem está em situação-limite. Mostra melhor a sua personalidade, terá talvez menos oportunidade de a camuflar. Nesse sentido, aprendi muito sobre meus semelhantes. Terá por isso sido uma experiência útil para a minha literatura (CHAVES; MACÊDO, 2009, p.33).

A guerra e as lutas de libertação estão presentes em grande parte de sua obra, inclusive as que foram estudadas neste trabalho. *Mayombe* (2018), publicado em 1980, ambienta-se na floresta do Mayombe, em plena luta armada dos combatentes do Movimento Popular de Libertação de Angola contra as tropas portuguesas. *Predadores* (2008), publicado em 2005, apresenta aos leitores uma ambientação pré-independência mostrando os conflitos sociais e políticos da época. Por outro lado, também explora o pós-independência, a partir de 1975, em que apresenta o surgimento de uma nova burguesia. *O tímido e as mulheres* (2014), publicado pela primeira vez em 2013, apesar de ambientar-se em Angola atual, não deixa de trazer marcas do período de luta pela libertação de Angola. Além disso, retrata a sociedade contemporânea de forma a evidenciar as consequências de um período tão vasto de colonização e de lutas pela independência.

Narrativa histórico-ficcional

Ao longo da pesquisa evidenciou-se a verossimilhança entre as obras de Pepetela - fundamentadas na tradição oral - e os fatos historicamente

documentados. Acerca do diálogo entre História e Literatura, Carvalho filho (2015, p. 120) explicita que:

[...] a História e a Literatura, ao armarem a intriga ou o enredo, ao organizarem os 'fatos dispersos' na experiência do vivido, almejam obter um efeito explicativo para lhes dar sentido. Pepetela mostrava-nos que a sua ficção, às vezes, se aproxima muito do verossímil. Tanto quanto o narrar da História.

Frente ao que foi exposto, podem surgir questionamentos acerca de quais perspectivas se devem adotar para repensar a História, questões como as exibidas por Aguiar (2011, p.109): "Quais fontes poderiam fazer ouvir as vozes silenciadas? Como construir um registro pós-morte se as vozes já não podem falar por si mesmas?". O grande salto qualitativo é pensar que a reconstrução da história deve-se pautar pela consideração de variadas fontes e documentos, como os históricos, artísticos e os literários.

Nesse sentido, os romances de Pepetela, ao retratarem temáticas históricas, buscam recriar a nação e seus mitos, através de um olhar crítico que busca a revisão de uma série de discursos sobre a nação angolana. Não se deve perder de vista a ideia de que

não se trata de abordar o documental como ficção, mas da necessidade de estratégias desenvolvidas no campo da literatura para reinventar o passado. Se a historiografia não permite, na maioria das vezes, a abordagem das narrativas marginais, das vivências esquecidas e das emoções que com elas foram experienciadas, a literatura pode ser o campo para a invenção de diversas formas de narratividade (LEITE, 2015, p.175).

Optou-se por trabalhar com as narrativas do autor Pepetela, principalmente por ter a oportunidade de contatar uma realidade que não se experiencia e que pode auxiliar na compreensão do presente e das várias formas de humanizar-se.

A configuração da ancestralidade em *Mayombe*, *Predadores* e *O tímido e as mulheres*

A narrativa de *Pepetela* - Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos - nos possibilita ler a história sob uma nova perspectiva, a partir do ângulo de visão da população angolana, o que influi na reconstrução dos fatos. Nesse contexto, a primeira narrativa a ser explorada, *Mayombe*, escrita em 1971, mas publicada apenas de 1980, ilustra bem a construção da história a partir de uma multiplicidade de narradores e personagens locais “que de forma alegórica representam a população angolana” (SILVA, 2014, p. 1).

O contexto histórico em que o romance se ambienta é o do neocolonialismo português sobre os países africanos de língua portuguesa. Dando continuidade a exploração de séculos anteriores, a partir do século XX evidencia-se uma intensa exploração de Angola pelos portugueses. É nesse contexto que surgem os movimentos de libertação de Angola do jugo colonial. Após esse período, a instabilidade política e social gestou uma guerra civil em que se contrapunham diferentes movimentos, dentre eles, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), retratado em *Mayombe* (2018).

Mayombe (2018) é uma narrativa que adentra perspicazmente a organização dos combatentes do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Em meio ao cenário da guerrilha de libertação, são apresentados os medos, os questionamentos, os posicionamentos e os conflitos próprios daqueles guerrilheiros instalados em uma base militar na floresta tropical do Mayombe. O grande inimigo a ser confrontado não se constitui apenas das tropas portuguesas, mas do imaginário cultural, social e político criado pela dominação colonial.

O enredo busca explorar as diferentes e, por vezes, divergentes visões de mundo dos combatentes e de pessoas ligadas ao movimento de libertação nacional. Sendo assim, o texto, estruturado em cinco capítulos seguidos de um epílogo, é construído a partir de diálogos e reflexões, nas quais as ideias, os valores e os conflitos presentes na sociedade são examinados pelo olhar de cada personagem via oralidade. Há, portanto, um narrador principal, onisciente, narrado em terceira pessoa, no tempo verbal do passado; também há os depoimentos e reflexões dos guerrilheiros, narrados em primeira pessoa, escritos no presente, levando o leitor para dentro da narrativa, como se tudo estivesse acontecendo no momento atual. Essa constante busca por repensar a realidade e

a história, além do compromisso em auxiliar na construção de uma identidade nacional por meio da literatura, marca a escrita pepeteliana

Logo na epígrafe, identificam-se quem a obra homenageia: “Aos guerrilheiros do Mayombe, que ousaram desafiar os deuses abrindo um caminho na floresta obscura, vou contar a história de Ogun, o Prometeu africano”, atribuindo aos guerrilheiros ao mesmo tempo um aspecto humano e heróico. Os combatentes representam de forma alegórica os ideais de libertação e de coragem, assimilando-os às figuras mitológicas. Neste romance, Ogun materializa-se em um dos guerrilheiros, o Comandante Sem Medo, aquele que representa a segurança e a proteção para os demais combatentes.

Além dos guerrilheiros, a própria floresta do Mayombe é considerada uma personagem da história, pois condensa em si a maior parte do tempo/espço da narrativa, além de condicionar e proporcionar muitos acontecimentos e reflexões das demais personagens. Sendo assim, esta narrativa concentra-se em sua maior parte

Em um cenário de valorização da força que emana da natureza, a paisagem tem uma função primordial, logo o discurso estabelece uma relação fundamental com a terra, pois a paisagem deixa de ser um mero objeto decorativo para se inscrever como personagem atuante e inovador no enfoque narrativo (OLIVEIRA, 2018, p. 93).

Conforme expõe Silva (2014, p.6) “Mayombe nos aparece como símbolo da tradição e do fortalecimento da identidade angolana, por ser ela a imagem de poder e associação à própria força do Homem angolano para a conquista da tão esperada e sonhada liberdade”. Essa afirmação pode ser comprovada com o excerto seguinte, em que a floresta aparece personificada, e com a qual os homens formam uma simbiose:

A mata criou cordas nos pés dos homens, criou cobras à frente dos homens, a mata gerou montanhas intransponíveis, feras, aguaceiros, rios caudalosos, lama, escuridão, Medo. A mata abriu valas camufladas de folhas sob os pés dos homens, barulhos imensos no silêncio da noite, derrubou árvores sobre os homens. E os homens avançaram. E os homens tornaram-se verdes, e dos seus braços folhas brotaram, e flores, e a mata curvou-se em abóbada, e a mata estendeu-lhes a sombra protetora, e os frutos (PEPETELA, 2018, p. 68).

A identidade angolana é explorada pelos diversos personagens do romance. Essa estrutura marcadamente polifônica é uma das características das obras pepetelianas. A multiplicidade de vozes adotada deve-se ao fato do autor trazer para o discurso aspectos da oralidade.

A polifonia se faz presente na obra por meio das personagens, cujos nomes são de guerra, dentre eles citam-se o Comandante Sem Medo, o Comissário Político, o Teoria, o Mundo Novo, o Chefe de Operações, o Milagre, o Muatiânvua, o Lutamos, o Pangu-a-Kitina e o próprio Mayombe. Eles se caracterizam por serem os próprios fazedores da história. Essas personagens, em suas reflexões explanam a forte relação do seu ser com a tradição africana, o que os faz lutar pela libertação nacional. A personagem Teoria, por exemplo, logo no início do livro, demarca o lugar de onde ele é proveniente e seus conflitos internos por ser miscigenado: “Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura do café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor” (PEPETELA, 2018, p. 14).

A ancestralidade é marca corrente na literatura pepeteliana, por isso o personagem Muatiânvua afirma que a sua “[...] força vem da terra que chupou a força de outros homens [...]” (PEPETELA, 2018, p. 121). Da mesma forma, uma série de conhecimentos passados via tradição oral e que fazem parte da memória coletiva estão presentes na obra, como, por exemplo, quando o personagem Lutamos diz: “Estava no rio e vi um pássaro azul no céu. É sinal de sorte. Há caça aqui perto. De certeza que encontrarei alguma coisa, foi o que o pássaro mostrou” (PEPETELA, 2018, p. 131). Igualmente, é sobre os conhecimentos tradicionais a que o Comandante Sem Medo se refere no seguinte trecho: “Eu fico com as marcas, mas tu podes ficar com a experiência. Por isso te vou dar os ensinamentos que dela tirei” (PEPETELA, 2018, p. 146).

O fim dessa narrativa é bastante emblemático, já que encerra com a morte de duas personagens fundamentais para a ficção-histórica, o Comandante Sem Medo, representante da proteção e da coragem e o Lutamos, representante dos conflitos tribais. Ambos lutaram até o fim por um ideal comum, a libertação de

Angola do domínio português. Guerrilharam como dois gigantes, assimilando-se à amoreira do Mayombe:

A amoreira gigante à sua frente. O tronco destaca-se do sincretismo da mata, mas se eu percorrer com os olhos o tronco para cima, a folhagem dele mistura-se à folhagem geral e é de novo o sincretismo. Só o tronco se destaca, se individualiza. Tal é o Mayombe, os gigantes só o são em parte, ao nível do tronco, o resto confunde-se na massa. Tal o homem (PEPETELA, 2018, p. 243).

E como homens, ali mesmo, onde guerrilharam e obtiveram grandes êxitos foram devolvidos a terra “Puseram os corpos do Comandante e de Lutamos no buraco e taparam-nos” (PEPETELA, 2018, p. 244). É interessante notar que o vínculo entre os dois guerrilheiros se manifesta na junção de seus nomes de guerra: “Lutamos Sem Medo”, evidenciando, assim, a luta e a morte por um ideal comum.

Da mesma forma como em *Mayombe* (2018), o romance *Predadores*, publicado em 2005, é constituído pela marca da ancestralidade. No entanto, enquanto em *Mayombe* (2018) essas marcas estão bem explícitas, em *Predadores* (2008) elas perpassam a história de uma nova forma. Este romance narra a história Vladimiro Caposso, homem de negócios que se apoiou nos mecanismos estatais para alcançar ascensão econômica e social. A narrativa situa-se entre 1974, um ano antes da independência de Angola, até 2004, mostrando ao leitor um grande período histórico. Nessa narrativa, Pepetela buscou criticar a corrupção, o autoritarismo e a formação de um grupo social que começa a aparecer após a Independência Nacional.

O protagonista, Vladimiro Caposso, ao longo do romance utiliza aspectos da cultura tradicional e da história da luta de libertação para se sobressair e se elevar socialmente. Para ele, o que está em jogo é a ascensão social e econômica, não lhe importando os meios de consegui-la. Para isso, o protagonista forja um novo nome e uma nova história pessoal para ser incorporado na estrutura governamental. Ao longo da narrativa, o leitor é levado a conhecer os momentos de sucesso e de queda do empresário e de sua família. Apesar de Vladimiro Caposso se valer das tradições de modo utilitarista, ele conhece a importância de

conhecer os valores tradicionais para a sociedade angolana do pós-guerra e a usa, às vezes como inerente à sua visão de mundo, outras vezes apenas para se beneficiar.

Um fragmento que ilustra a presença de valores tradicionais como inerente à sua visão de mundo, está no momento em que Vladimiro Caposso manda sua família para o estrangeiro por medo do que viria acontecer após as eleições:

E negociara proteções com as mais-velhas do mercado de São Paulo e kimbandas afamados por blindarem corpos e destinos. Pagou com rezas, galinhas, dinheiro e muitos chás para abrigarem a família inteira de todos os perigos (PEPETELA, 2008, p. 20).

Esse excerto é consoante ao que Bâ (2010, p. 173) denomina visão religiosa do mundo: “O universo visível é concebido e sentido como o sinal, a concretização ou o envoltório de um universo invisível e vivo, constituído de forças em perpétuo movimento”.

Outro excerto fundamental para se compreender o comportamento de Vladimiro Caposso em relação aos valores tradicionais se refere à sua mudança de identidade, visando alcançar posições de prestígio: “O que estava a dar era Catete, terra do primeiro presidente da República, do maior Herói da luta [...] A terra onde se nasce pode suscitar solidariedades e apoios, já se sabe” (PEPETELA, 2008, p. 51). No entanto, forjar a própria origem não foi um processo tão simples, já que

os verdadeiros catetenses, gente que sempre se interessou pela História e as origens, torciam habitualmente o nariz para ele, não encontravam nenhuma raiz da sua família na terra, suspeitavam se tratar de um impostor (PEPETELA, 2008, p. 52).

O narrador ironiza como Vladimiro Caposso buscava se inscrever no MPLA a todo custo, já que ser membro deste simplificava a vida na nova sociedade. Comprova os interesses escusos de Caposso o seguinte fragmento que narra a aquisição de seu novo cartão de identidade:

Caposso passou no dia seguinte e de fato estava pronto o abençoado cartão que poderia lhe abrir muitas portas, com um

nome que metia respeito e uma terra de origem de onde vinha gente famosa, sempre pronta a dar ajuda a um parente, pois era voz corrente, todos os catetenses eram parentes e muito unidos (PEPETELA, 2008, p. 97).

Em contrapartida, outros personagens se dirigiam à tradição, aos valores e aos costumes de maneira respeitosa e por estarem realmente imersos naquela realidade. É o caso de Sebastião Lopes, um advogado de causas populares, que se opõe ao seu amigo de infância Vladimiro Caposso por considerar suas atitudes dignas de punição. Um trecho emblemático diz respeito à construção de cercas em torno da fazenda de Caposso, na Huíla, criando barreiras à passagem do gado dos criadores tradicionais. Sebastião Lopes, indignado, reflete: “os velhos contemplavam os campos do alto do morro com um misto de ternura, se tratava da terra dos antepassados que não se olha sem emoção, e de tristeza” (PEPETELA, 2008, p. 138).

Vale salientar, ainda, que uma forma de analisar a configuração da ancestralidade ocorre por meio da observação das características espaciais e temporais. Assim, Pepetela ao traçar a história de vida real e fictícia de Vladimiro Caposso, permite ao leitor circular por espaços e tempos variados e adentrar na cultura dos locais por onde as personagens circulam. Ao retratar as trajetórias de Caposso filho (Vladimiro Caposso) e Caposso Pai, o narrador faz a seguinte exposição:

Do Ebo saltaram mais tarde para a Gabela, depois para a Cela e finalmente Novo Redondo, numa longa e demorada travessia do Cuanza-Sul, contrastando paisagens, desde as verdejantes serras boas para café até aos campos a perder de vista com gado e colonatos agrícolas, no meio os inevitáveis blocos de granito, gigantescos, ovos de ignorados deuses na terra plantados (PEPETELA, 2008, p. 73-74).

Relativo à historicidade Pepetela busca mostrar em *Predadores (2008)* por meio do protagonista, a tendência de ter havido em muitos casos um revolucionarismo apenas nominal. Vladimiro Caposso representa aqueles que nunca foram membros do Movimento de Libertação de Angola no plano real, mas valia-se do fato para ascender socialmente.

Por fim, o último romance analisado denomina-se *O tímido e as mulheres*. O romance do angolano Pepetela, publicado em 2013, narra a história de um triângulo amoroso envolvendo Heitor – o tímido –, escritor em começo de carreira, Marisa, locutora de rádio que seduz seus ouvintes, e Lucrécio, grande pensador. E por que não dizer que o livro narra a história de um quarteto amoroso, se há Jeremias Guerra - para os mais íntimos, o Senhor do dia 13, ou ainda, o Guerreiro Solitário - também às voltas de Marisa? A resposta se encontra na reciprocidade do sentimento e de um feixe de fatores que ao ler o livro o leitor descobrirá.

Além dessas personagens, outras permitem situar o leitor no contexto da história - a sociedade angolana, especialmente Luanda, dos dias atuais. São elas: Dona Luzitu – zungueira de profissão - e sua família; os pais e os amigos de Heitor e, por fim, os habitantes da periferia de Luanda. A rede de personagens é vasta e seu espaço dentro da narrativa também. Por isso, os capítulos são distribuídos de forma a dar conta de adentrar na vida de cada uma das personagens, umas representadas com maior profundidade, outras com mais superficialidade. No entanto, todas detêm uma importância fundamental para o desenvolvimento da narrativa.

A presença de personagens de diferentes classes sociais permite que o leitor caminhe por diferentes pontos da cidade, mostrando suas modificações, seu ritmo de crescimento e a qualidade de vida de seus habitantes. Além disso, Luanda é apresentada como fruto de escolhas políticas e mutações culturais oriundas da sua recente história, sem perder de vista o seu passado e a influência deste para a sociedade atual.

Quanto à criação e descrição das personagens, sobressai-se a valorização da estética negra angolana e, juntamente, faz-se a associação desses personagens à figuras do imaginário cultural. Ao longo dos capítulos, Heitor é narrado como tendo “[...] uns olhos de Jesus Cristo pregado na cruz. Um Cristo negro, de barba desgrenhada” (PEPETELA, 2014, p. 62), redefinindo a imagem europeizante de Jesus Cristo. O caminho adotado pelo autor é o da reconstrução e reconstituição dos acontecimentos e das figuras em diferentes perspectivas, por meio dos seus variados personagens, em sua maioria, autóctones.

Já ao se referir à Marisa, pouco se diz de sua aparência, mas muito se sabe sobre sua voz. O jogo envolvendo a voz de Marisa leva-nos a pensar nas marcas da oralidade da narrativa. A narração permite que não apenas as outras personagens, mas também o leitor “escute” Marisa.

O triangulo amoroso tem sua origem a partir do encontro entre Marisa, casada com Lucrecio, e Heitor. Como foi mencionado, Heitor era um escritor em início de carreira que acabara de escrever um livro e tinha o desejo de que Marisa, a voz encantadora da rádio, lesse seu livro em voz alta. Nessa passagem da narrativa, evidencia-se como a oralidade é parte fundamental na sociedade angolana, como parte imprescindível para manter viva a memória. Marisa aceita as condições, e no momento da leitura, o leitor é surpreendido com a reação de Heitor ao ouvi-la ler sua estória:

As frases borbulhavam na garganta dela mais bonitas e fortes do que as escritas. Desprendido do ecrã do computador, olhando o teto falso pintado de branco, via a estória pairando sobre ele e lhe parecia possível agarrar as próprias palavras, tremeluzentes, se unindo em sentidos ocultos, misteriosos e promissores. Sempre em movimento e se transformando em mil sentidos, as palavras que já tinham sido suas, e delas era desapossado sem dor (PEPETELA, 2014, p. 54).

A memória coletiva, citada anteriormente, corresponde à capacidade de recordar, trazer ao presente os acontecimentos que fizeram e fazem parte do legado cultural, social, econômico e político de determinada comunidade. Nesse sentido, o romance mostra marcas interessantes a respeito da cultura tradicional que é passada por gerações e permanece viva na atualidade. Abaixo, alguns fragmentos exemplificam como a memória está presente neste romance:

Fica sabendo, esta nação está assente na música e na dança, não nas palavras dos livros e nos discursos. Fazer música ou cantar não é para todos e também não podemos exigir esse dom, mas dançar é obrigação nacional, questão de patriotismo, seja dança de roda como as do Leste e da nossa rebita, seja dança de pares, seja mesmo sozinho [...] (PEPETELA, 2014, p.107).

Além disso, cabe destacar as festas que ocorriam na casa de dona Luzitu, na periferia de Luanda. Nessas festas e no próprio cotidiano, a coletividade está fortemente presente:

Por isso as festas de contribuição aconteciam lá. Cada convidado trazia alguma coisa, comida ou bebida, se inventava uma aparelhagem para a música e se dançava nos fins de semana. Mesmo nos óbitos, porque uma pessoa pode estar muito triste e dançar, afasta as malambas (PEPETELA, 2014, p. 160).

Outro aspecto a ser evidenciado que leva o leitor para outra realidade sociocultural diz respeito aos hábitos alimentares, ressaltando sabores e receitas típicas da sociedade angolana. Quanto ao preparo dos alimentos, a narrativa valoriza os segredos do ato de cozinhar, a importância dos produtos certos, a relevância de seguir cada passo do preparo como lhe foi ensinado. Assim faz Esmeralda, experiente cozinheira que trabalha na casa dos pais de Heitor:

Esmeralda era uma exímia cozinheira, arte aprendida em Benguela, sua cidade natal. O calulú dela era reconhecido, sobretudo se conseguia que mandassem vir peixe seco da sua terra, não há igual, diz com orgulho, o peixe é melhor, mas, sobretudo a gente sabe secá-lo de maneira especial. E é o peixe seco o ingrediente mais importante do calulú, e as ervas, de preferência rama de batata-doce, e a fervura, mas com a fervura sai-se das artes da agricultura ou do mar para entrar na arte real, a temperatura da chama, o tempo do cozinhado, os segredos de engrossar o molho com base no óleo de palma (PEPETELA, 2014, p. 112).

Além da culinária, a medicina tradicional também aparece neste romance, já em uma sociedade transformada por hábitos ocidentais impostos, mas nem por isso, capaz de eliminar a influência da medicina tradicional na vida da população local:

Ainda por cima se tratando de medicina tradicional, que as famílias mais católicas não desprezavam, apesar de os padres e bispos lhes chamarem artes do demônio, feitiçarias, credices pagãs, antes merecendo morte por fogueira, nos tempos da escravatura e Inquisição. Hoje havia progressos na compreensão das coisas. Sem o dizerem, limitavam a crítica aos sermões do

alto do púlpito. E encolhiam os ombros perante o feitiço misturado com rezas e missas (PEPETELA, 2014, p.122).

Sem esgotar as possibilidades que o romance proporciona, pôde-se perceber que *O tímido e as mulheres (2014)* apresenta um retrato da sociedade atual de Luanda, capital de Angola, apresentando como o passado e o presente dialogam na trama. A movimentação que o personagem Heitor realiza, possibilita conhecer o centro e a periferia de Luanda, os hábitos culturais dos habitantes desses espaços e a ligação com os valores tradicionais.

Considerações finais

Alguns aspectos puderam ser percebidos durante o decorrer deste trabalho. Dentre eles sobressaem:

(i) A marcas da ancestralidade aparecem com níveis de explicitudes diferenciados. Em *Mayombe (2018)* e em *O tímido e as mulheres (2014)* a exposição e valorização dos conhecimentos ancestrais ocorrem de maneira mais explícita, em *Predadores (2008)*, mostra-se mais implícita e utilizada como uma ferramenta de pertencimento e ascensão social.

(ii) A literatura pode funcionar como principal arma de denúncia, defesa e recriação da nação. Na obra *Mayombe (2018)* é nítida a função das personagens e de seus depoimentos para a criação de um espírito nacional e para a revisão da história da guerra de libertação de Angola. Os guerrilheiros são homens comuns, os fazedores da história e é a partir do contato deles com a floresta do Mayombe que se repensa a guerra. Em *Predadores (2008)*, o autor buscou criticar os pseudo-revolucionários, pessoas como Vladimiro Caposso, que utilizavam as tradições e as memórias coletivas para privilegiar-se. Nesse romance Pepetela advertiu sobre a corrupção e os excessos da nova burguesia pós-independência. Nesse contexto, Vladimiro Caposso funciona o elemento necessário para compor a história fatural de Angola. Por fim, em *O tímido e as mulheres (2014)*, as narrativas sobre a nação são repensadas pelo ângulo dos cidadãos e da população periférica.

(iii) A multiplicidade de narradores e personagens em *Mayombe* (2018), *Predadores* (2008) e *O tímido e as mulheres* (2014) refletem a multiplicidade de vozes que compõem a tradição oral angolana. São diversas histórias e diversos narradores que buscam, alegoricamente, materializar no texto literário a população angolana e seus heróis nacionais.

(iv) O estudo das obras *Mayombe* (2018), *Predadores* (2008) e *O tímido e as mulheres* (2014) contribui para o cumprimento da lei 10.639/03, pois o artigo 26-A, § 2º, torna obrigatório que “os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira [sejam] ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras”.

Este artigo representa uma pequena amostra de como a ancestralidade, a memória coletiva, a tradição oral e a narrativa histórico-ficcional podem ser analisadas nas obras do escritor Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos (Pepelela) e de como esses aspectos devem ser ressaltados, pois se constituem em uma forma de repensar a nação, o povo e seus valores por meio da literatura.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Adriana. **Vozes silenciadas, palavras evocadas:** conceitos de história em *Mayombe*. Estação Literária, Londrina, Vagão-volume 8 parte A, p. 106-117, dez. 2011.

AMÂNCIO, Iris Maria da Costa. Africanidades em Letras: pressupostos para o ensino das literaturas africanas e afro-brasileira nos termos das leis educacionais 10.639/03, 11.645/2008 e 12.796/2013. In: OLIVEIRA, Jurema. **Africanidades e Brasilidades:** culturas e territorialidades. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015. 200p.

ANGELUCCI, Carla Biancha. **A patologização das diferenças humanas e seus desdobramentos para a educação especial.** Trigésima Sétima Reunião Nacional da ANPEd. UFSC, Florianópolis, 2015.

BRASIL. Congresso. Planalto. **Regimento interno.** Brasília, 2003. Disponível na internet via http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm. Arquivo capturado em 13 fev. 2019.

CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. **Predadores:** quando a literatura narra as relações de poder em Angola. Outros tempos, Maranhão, vol. 12, nº 19, p. 118-134, jun. 2015.

CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. **Portanto...PePETELA**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. 392p.

DUTRA, Robson. **Literatura e Nação – PePETELA e a história de Angola**. Revista de história comparada, Rio de Janeiro, 5-1. 149-178, 2011.

BÂ, Amadou Hampaté. Tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível na internet via: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod_forum/intro/hampate_ba_tradicao%20viva.pdf>. Arquivo capturado em 16 mar. 2019.

LEITE, Ana Mafalda. **A escrita reinventando a história e a nação**. In: OLIVEIRA, Jurema. Africanidades e Brasilidades: culturas e territorialidades. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015. 200p.

OLIVEIRA, Jurema. Ancestralidade e modernidade. In: _____. **Africanidades e Brasilidades: culturas e territorialidades**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015. 200p.

OLIVEIRA, Jurema J. de. **Ancestralidade, pan-africanismo e afro-brasilidade**. Espírito Santo: Universidade Federal do Espírito Santo, 2018, p. 17.

OLIVEIRA, Jurema. O preexistente e sua ausência em narrativas contemporâneas de Moçambique, Angola e Brasil. In: _____. **Africanidades e Brasilidades: literatura e linguística**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018. 129p.

PEPETELA. **O tímido e as mulheres**. São Paulo: Leya, 2014. 304p.

PEPETELA. **Mayombe**. 2. ed. Rio de Janeiro: Leya, 2018. 256p.

PEPETELA. **Predadores**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008. 400p.

SILVA, Cibele Verrangia Correa da. **Mayombe: uma estória de guerra e identidades: um breve estudo sobre a personagem Teoria**. II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades. Espírito Santo: Universidade Federal do Espírito Santo, 2014. Disponível na internet via: <<https://periodicos.ufes.br/cnafricab/issue/view/540>>, visitado em 5 de outubro de 2020.